

Migração, questão nacional

Joaquim Roriz

Ao encerrar o I Fórum Nacional sobre Migração, quinta-feira passada, ironizei dizendo que já tinha a fórmula para resolver o problema da migração: deixar de fazer tudo, abandonar hospitais, escolas, o programa de assentamentos, porque assim ninguém se sentiria atraído por Brasília. Evidentemente, é apenas uma figura de retórica. Mas, muitas vezes, a argumentação daqueles que nos acusam de provocar migração sugerem exatamente isto: que deixemos de governar, de melhorar a qualidade de vida de Brasília, de ampliar os serviços prestados, para escaparmos dos efeitos perversos da migração.

Fazer justiça social não provoca migração. Aqui em Brasília, assim como em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e outros centros mais adiantados, que sofrem com a migração, estão as consequências do processo migratório. As causas são a miséria, a fome, a falta de emprego, de atendimento médico, de escolas. As desigualdades regionais, enfim. Temos que ir às causas. Por isso provoqueei esta primeira rodada de discussão nacional do problema da migração.

Brasília, capital de todos os brasileiros, cidade formada por migrantes de todo o País, que para aqui vieram atendendo um chamado de Juscelino Kubitschek, para tornar concreto um sonho antigo, o de interiorizar o desenvolvimento do País, teria que sediar este encontro. Somos uma cidade de migrantes, e somos também uma cidade que atrai migrantes, até porque aqui estão instalados os três Poderes da República.

Temos, em mãos, diversas pesqui-

sas realizadas por instituições como a UnB, a Codeplan, a MSC (instituto de pesquisa e opinião pública) e a Secretaria de Desenvolvimento Social (que realiza desde o início do governo uma pesquisa diária com todos os migrantes que chegam). É preciso dizer algumas verdades: primeiro, o índice de migração está em queda, e não há nenhuma explosão migratória. Talvez a quantidade de migrantes em estado de miséria tenha aumentado, e realmente as pesquisas indicam quase cem por cento de migrantes das classes "D" e "E". De 1960 a 1970, o crescimento populacional de Brasília foi de 14 por cento ao ano; de 1970 a 1980, de oito ao ano; de 1980 a 1990, de 4,7 ao ano, e de 1990 a 1991 de 3,7 por cento, sendo metade dessa impressionante cifra no crescimento vegetativo, e a outra metade migração.

Em segundo lugar, é preciso desmistificar a versão de que a migração está ligada ao programa de assentamentos, e que a política de distribuição de lotes para quem vive em Brasília há mais de cinco anos e estava escondido em favelas — e debaixo de pontes e viadutos, provoca migração. Todas as pesquisas mostram que a migração tem uma causa principal: a busca de trabalho. Em segundo lugar, a busca de tratamento médico. A busca de moradia é responsável por apenas 5,5 por cento dos deslocamentos para Brasília. Ou seja: é desprezível a quantidade de pessoas que vêm para Brasília em busca de moradia — e a tendência é que esse número caia cada vez mais, à medida que o programa de assentamentos é rigoroso ao excluir qualquer possibilidade de atendimento a quem não mora em Brasília há mais de cinco anos, e não atende a uma série de requisitos.

É importante para nós, que quere-

mos preservar Brasília, eliminar essa argumentação falaciosa para que possamos enxergar o problema do tamanho que ele é. Brasília sofre as consequências do processo migratório, mas as causas estão longe daqui. Temos que deixar de lado a mesquinhez, para buscarmos uma solução definitiva, que está, por exemplo, em uma reforma urbana como a que vimos fazendo aqui, dando o lote e a cidadania para quem ajudou a construir esta cidade. Está, também, numa reforma agrária sem violência e sem prejuízo do setor produtivo, para segurar o homem no campo. E está principalmente, na retomada do desenvolvimento, porque sem produção não há emprego, e sem emprego não há renda. E se não há renda as correntes migratórias não param de se movimentar.

Sobre a retomada do desenvolvimento, estou convencido, e tenho dito isto onde tenho oportunidade, que o caminho está no desenvolvimento do Centro-Oeste. Porque no Centro-Oeste não há acidentes climáticos, a região é quase toda plana, aqui está a maior reserva de cerrado do mundo, há água em abundância, sol o ano inteiro, e com pequenos investimentos pode-se criar o "corredor de exportação" ligando Cuiabá aos portos do Espírito Santo, pela Ferrovia Leste-Oeste, cortando Goiás próximo a Brasília, e também o Triângulo Mineiro, até o litoral. Aqui, a resposta será mais rápida e menos dispendiosa. E, assim, poderemos dar ao País um exemplo de desenvolvimento não-predatório, como o que estamos viabilizando no Distrito Federal.

■ Joaquim Roriz é governador do Distrito Federal